

**Edward W. Said. *Reflections on Exile and Other Essays*.
Cambridge, Massachusetts: Harvard UP, 2001.**

Rui Estrada

As Consequências do Exílio.

A última obra de Edward W. Said, uma colecção de ensaios escritos desde 1967 até à data de publicação do livro (Junho de 2000), intitula-se *Reflections on Exile and Other Essays*. O facto de Said ter escolhido para título desta colecção o título de um dos seus ensaios, originalmente publicado em 1984, releva uma das características mais marcantes que atravessa praticamente todos os textos deste volume: a condição de exilado na formação do pensamento intelectual de Said. As consequências daqui decorrentes remetem, em meu entender, para duas linhas de análise que, embora paradoxais, são ambas indexáveis à condição de exílio de Said.

“The exile knows that in a secular and contingent world, homes are always provisional” (185) é a frase que pode servir de emblema ao primeiro tipo de análise. Sendo um palestiniano exilado, vindo para os Estados Unidos em 1951, Said rejeita, nas mais diversas áreas de investigação de que falam os seus textos, qualquer reificação do pensamento ou da História. A crítica à reificação, à identidade e à ortodoxia é, nas palavras de Said, a tarefa predominante de um intelectual no exílio. Este está em melhores condições de cumprir esta tarefa na medida em que, tendo sofrido ele próprio uma agressão fundamentalista, está mais desperto para a recorrência de casos similares.

Neste sentido, Said critica, por exemplo, os intelectuais que se dirigem uns aos outros num vocabulário hermético (122 e seguintes), os discursos das minorias que acabam por substituir um centro de autoridade por outro (379 e seguintes), os povos colonizados que adoptam o mesmo tipo de discurso e práticas identitárias dos anteriores colonizadores (421 e seguintes). No último ensaio do livro, “The Clash of Definitions,” podemos observar com mais detalhe esta incessante luta de Said contra um conceito de cultura e de História que se fundamenta em valores supostamente naturais e monolíticos. Contrariando a perspectiva (que considera eurocêntrica) de Samuel Huntington, diz Said: “Rather than the idea of clash, for instance, deriving from a real clash in the world, we would come to see it as deriving instead from the strategies of Huntington’s prose, which in turn relies on what I would

call a managerial poetics, a strategy for assuming the existence of stable and metaphorically defined entities called civilizations which the writer proceeds quite emotively to manipulate (...)” (582-83). Said sugere aqui que as fronteiras entre “nós” e os “outros” não são reais mas linguísticas, ou seja, decorrem de um discurso comprometido que, por qualquer ordem de interesses, procura organizar o mundo de uma determinada maneira, assumindo posteriormente que essa é a maneira natural. Ora, é esta naturalidade histórica que Said procura sempre pôr em causa, procurando evitar assim a eclosão de qualquer fundamentalismo.

Em suma, neste primeiro tipo de análise vemos um Said que, tendo sido exilado da sua própria “home,” tem, contudo, a percepção que a constituição de qualquer outra “home” é o passo inicial para outros eventuais exílios.

“(...) [W]orks of literature are not merely texts” (384) é a frase que está subjacente não só ao discurso de Said contra a desconstrução e os movimentos de interpretação formalistas, mas também a frase que assinala o regresso da História. De facto, neste segundo tipo de análise æ que convive pacificamente com o primeiro, às vezes nos mesmos textos æ Said sugere que não devemos desligar, quer no que diz respeito à literatura ou a outros textos, as condições de produção da obra produzida. Manter este elo intencional é o único modo, segundo Said, de percebermos o contexto histórico, social e geográfico que está na origem dos vários discursos. Uma vez mais o exilado detém aqui uma posição privilegiada visto que, em virtude do processo que sofreu, é o que melhor sabe falar daquilo que na verdade é ou foi a sua “home”: “This is not at all to say, however, that only an exile can feel the pain of recollection (...) but is to say that Conrad, Nabokov, Joyce, Ishiguro, in their use of language provoke their readers into an awareness of how language is about experience and not just about itself. For if you feel you cannot take for granted the luxury of long residence, habitual environment, native idiom, and you must somehow compensate for these things, what you write necessarily bears a unique freight of anxiety, elaborateness, perhaps even overstatement (...)” (xv).

A questão que Said parece levantar é que se torna necessário regressar à História tal como ela é ou foi para explicar a maneira como nos vemos e integramos no mundo. A constituição desta “home” Histórica, determinada e intencional, é agora entendida como uma condição indispensável para sermos compreendidos e não como um potencial perigo. Por outras palavras, contrariamente ao primeiro tipo de crítica para o qual, fruto do exílio, qualquer “home” era instável, neste segundo caso, igualmente em virtude do exílio, a

“home” Histórica do exilado é aquilo que lhe dá a sua identidade. Com isto não pretendo enfatizar qualquer contradição profunda no pensamento de Said, mas somente sugerir que estas duas formas de análise decorrem da sua condição de exilado. Voltando novamente ao texto, mais concretamente ao ensaio “The Future of Criticism,” posso dizer que, para Said, a dificuldade reside na impossibilidade de fazer (utilizo agora os conceitos desse ensaio) sempre uma crítica “ensaística”; por vezes o que faz inevitavelmente é uma crítica “sistemática” ou “doutrinária.”

Rui Estrada, n. em Braga em 1966, Professor Auxiliar na Universidade Fernando Pessoa - Porto. Doutorado em Teoria da Literatura pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, ensaios na área da retórica e da teoria da literatura. A publicar a tese de Doutoramento intitulada *O céu aberto do senso comum: um mapa de conflitos entre a estética e a retórica*. Email: ruiestrada@mail.telepac.pt